

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO  
DE CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS OUVINTES**

Vanessa Ribeiro Floriano Bentin

Fernanda Marques Paz

**Resumo: Introdução:** O nascimento da criança surda em famílias ouvintes é muitas vezes conflitante. A inexperiência das famílias com a surdez na generalidade cria obstáculos no desenvolvimento da linguagem. O artigo, portanto, pretende contribuir na análise do desenvolvimento de crianças surdas, filhas de pais ouvintes e suas implicações no desenvolvimento psicossocial. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura de abordagem qualitativa apoiada na busca de artigos, teses e dissertações publicados de 1997 a 2018. Foram utilizados como critério de exclusão publicações científicas produzidas na língua estrangeira. **Resultados e Discussão:** O estudo revela que a surdez ainda é vista como um obstáculo social e que o estigma da deficiência está bastante presente na dinâmica familiar do sujeito surdo. Mostra que as famílias necessitam entender as diferenças existentes no desenvolvimento cognitivo e linguístico entre surdos e ouvintes e que as barreiras comunicacionais são reconhecidas como os elementos que mais atrapalham o desenvolvimento de crianças surdas. Além disso, assegura a relevância da Língua de sinais no desenvolvimento da linguagem e firma as ideias de defesa do ensino de Libras. **Considerações finais:** Considera-se que a fragilidade das relações sociais e o acesso precário a uma língua gestual impedem as crianças surdas de exercerem papéis de sujeitos sociais ativos e que o isolamento social interfere rigorosamente na estruturação da criança, tornando-a incapaz de refletir, produzir e significar a própria vida. Sugere-se que sejam feitas mais pesquisas na área da Psicologia sobre surdez, família e desenvolvimento infantil.

**Palavras chaves:** Surdez; famílias; desenvolvimento infantil.

**Abstract: Introduction:** The birth of a deaf child in a hearing Family is oftentimes

conflicting. The inexperience of families with deafness, in general, creates obstacles in the language development. The article, therefore, intend on contribute to the analysis of deaf children's development, sons of hearing parents and its implications on psychosocial development. **Method:** This is a literature review research with qualitative approach based on search for articles, theses and dissertations published from 1997 to 2018. **Results and Deliberation:** The study reveals that deafness is still seen as an social obstacle and that the stigma of the deficiency is very much present on the family dynamics of the deaf subject. It shows that the families need to understand the existing differences in the cognitive and linguistic development between deaf and hearing people, and that the communication barriers are recognized as the elements that disturb the most the development of deaf children. Besides that, it secures the relevance of sign language in the development of language and firm the ideas of securing the teaching of LIBRAS. **Final Considerations:** It is considered that the fragility of social relations and the poor access to a sign language block the deaf children to exercise roles of active social subjects and that the social isolation interfere strictly in the structuring of the child, making them less capable to ponder on thing, produce and give meaning to their own lives. It is suggested that more research should be made on the psychology area about deafness, family and childlike development.

**Keywords:** Deafness; families; childlike development.

## 1. INTRODUÇÃO

O homem é um ser relacional <sup>1</sup>, conforme Diogo e Maheirie<sup>2</sup>, todo sujeito se constitui como ser social e histórico sob uma perspectiva que envolve passado, presente e futuro, tornando-se produto e produtor do contexto no qual está inserido.

A criança antes de nascer já é enlaçada no discurso dos pais cujas expectativas em relação aos filhos iniciam antes mesmo da concepção. Segundo Viana e Veludo<sup>3</sup>, se de um lado temos na criança o que caracteriza sua condição inata, ou seja, o que é inerente à sua aparelhagem biológica e psíquica, de outro lado, observamos o estado de

desamparo que o organismo se encontra no início da vida, ou seja, impossibilitado de suprir suas próprias necessidades, dependendo de um meio que realize isso por ele.

A expectativa do nascimento do bebê durante um tempo se torna o foco de investimentos psíquicos e emocionais de toda a família<sup>4</sup>. A mesma autora destaca que, quando ocorre alguma deficiência na formação deste bebê, a preparação dos pais acaba sendo dissipada e necessita ser imediatamente revista.

Yamada et al.<sup>5</sup> consideram que o nascimento de uma criança com deficiência auditiva desestrutura a família, sendo capaz de gerar traumas e também uma alteração do equilíbrio familiar. Ainda mencionam que sentimentos de desilusão, fracasso e culpas poderão surgir e como resultado, produzir um estado de estresse parental nas interações entre a criança e cuidador. Alves<sup>6</sup> aponta que é necessário vivenciar o processo de luto pelo filho que foi idealizado, para que então, possam ser estabelecidos vínculos saudáveis de amor e cuidado com o filho que nasceu.

Yamada e Valle<sup>5</sup> comparam o diagnóstico da deficiência auditiva a uma experiência de morte para os pais. As autoras explicam que no imaginário dos genitores, a criança idealizada, morre simbolicamente no momento em que a família recebe o diagnóstico de surdez, promovendo o fracasso dos sonhos e expectativas dos mesmos em relação ao filho que nasceu. Ressaltam também, que existem diferenças entre a perda simbólica e a perda real que a morte concreta acarreta. Ao contrário da perda real, que se caracteriza por uma ausência permanente, a perda simbólica, embora determine a existência do filho no convívio familiar, poderá durante muito tempo produzir sentimentos intensos de tristeza que por vezes diminuirão no decorrer dos anos, mas nem sempre desaparecem totalmente.

A morte simbólica viabiliza rupturas que são capazes de desencadear o mesmo processo de luto da morte concreta. Quando a criança nasce surda, as fantasias parentais se dissipam dando muitas vezes lugar ao desamparo e ao sofrimento. Quando um filho nasce, os pais logo conferem se a criança é “perfeita” e quando essa expectativa se confirma experimentam o alívio e comemoram. Quando isso não ocorre, morre ali o

filho idealizado gerando profunda tristeza, frustração, vergonha e medo do que está por vir<sup>6</sup>.

A criança surda nem sempre possui surdez total. Os pais de forma inconsciente começam a testar a criança, mas, raramente a perda auditiva é integral, podendo ser parcial em boa parte dos casos. Toda pessoa surda tem uma audição residual, sendo capaz de responder a vibrações, estímulos visuais e pressão do ar criado pela batida de objetos barulhentos, dando pseudo-respostas. Essa peculiaridade por vezes impede que intervenções precoces sejam feitas no sentido de colaborar de forma mais eficiente no desenvolvimento da criança surda<sup>7</sup>.

O diagnóstico da surdez reconfigura a dinâmica parental dos sujeitos, ou seja, tornar-se mãe e pai de uma criança surda é fazer o movimento de reposicionar-se nesses papéis parentais por ora tensionados<sup>8</sup>. Yamada et al<sup>5</sup>., destacam a importância do diagnóstico e intervenção precoce na deficiência auditiva da criança, particularmente no que se refere aos ganhos relacionados ao desenvolvimento da fala e da linguagem. De acordo com as autoras, as consequências da surdez são amplas e assoladoras, sobretudo, quando é de grau severo ou profundo.

Dessen e Brito<sup>9</sup> afirmam que o grau de intensidade da perda auditiva é a dimensão que provavelmente tenha maior influência sobre o desenvolvimento de crianças surdas, não somente nas habilidades linguísticas, mas também nas cognitivas, sociais e educacionais. Referem ainda que, a ausência da função auditiva, acarreta uma modificação na organização neurológica, podendo bloquear o fluxo de mensagens, e por consequência, a comunicação como um todo passará a sofrer interferências.

Conforme Kawabata e Tanaka<sup>10</sup>, quanto mais cedo realizar o diagnóstico, melhor será o desenvolvimento da linguagem. Os mesmos autores sinalizam que a realização de exames para o diagnóstico da surdez é recomendada para todos os recém-nascidos e não somente para os que apresentam fatores de risco, sendo que o período ideal para que sejam feitos os primeiros testes são os seis meses iniciais do bebê. A chegada do diagnóstico de deficiência auditiva provoca reações diferentes em cada família. Algumas delas vivenciam períodos de crises agudas e gradativamente recuperam o

equilíbrio, outras, apresentam dificuldades crônicas de lidar com a deficiência, mantendo-se em constante desequilíbrio emocional<sup>10</sup>.

As informações fornecidas no momento do diagnóstico dificilmente são compreendidas pelos pais, aumentando sentimentos de pânico, medo e desnorreamento<sup>11</sup>. Silva, Zanolli e Pereira<sup>12</sup>, destacam o sentimento de raiva que aparece nos pais após receberem o diagnóstico. Isso ocorre devido à violação das expectativas por terem tido um filho deficiente e, posteriormente, por não encontrarem a cura para a surdez. Conforme as autoras, ao se depararem com o diagnóstico de surdez, os pais sentem uma perda de controle, cuja consequência, é a perda da liberdade pessoal, os levando em alguns casos, a desistir de projetos profissionais e pessoais por causa da deficiência auditiva.

Neste caso, quando a criança que nasce não representa o filho idealizado, surge a dor, a tristeza, o medo, o luto. O filho nasceu e é completamente diferente daquele que habitou o desejo dos pais, e o casal muitas vezes não tem autorização para chorar e vivenciar o luto pelo filho que morreu. A cobrança mais comum é de que, os pais rapidamente aceitem, amem e cuidem deste filho inesperado, não idealizado e muito menos<sup>6</sup>.

Segundo Brito e Dessen<sup>13</sup> a família atualmente se baseia na intimidade entre seus membros, na relação entre gerações e nas variáveis externas incorporadas a ela. As autoras salientam que em cada família, por mais que existam semelhanças entre os membros, as reações ao nascimento de um filho com alguma deficiência ou limitação, causam reações diferentes. Comumente ocorre um isolamento, com cada um percebendo somente os seus sentimentos, sendo incapaz de olhar para os demais inseridos no mesmo contexto. Além disso, a descoberta da deficiência auditiva costuma causar desorientação e sentimentos de derrota na família.

Conforme Silva e Bastos<sup>14</sup>, experiências como o brincar podem ser uma forma privilegiada de interação natural e eficiente com o filho surdo. Segundo as autoras, as experiências do brincar fortalecem os vínculos e estimulam a afetividade,

desenvolvendo uma linguagem que poderá influenciar na autoaceitação da criança surda refletindo em todo o seu desenvolvimento futuro.

A partir destas observações surge a necessidade de estudar de forma aprofundada aspectos do desenvolvimento de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, destacando a importância dos pais no processo constitutivo dos filhos. O objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento de crianças surdas, filhas de pais ouvintes e suas implicações no desenvolvimento psicossocial.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Desenvolvimento típico**

Silva, Engstron e Miranda<sup>15</sup> destacam o desenvolvimento infantil como uma sequência processual que se inicia na concepção. Tem como efeito tornar a criança capaz de responder às suas necessidades pessoais e às do meio em que vive. Os mesmos autores ressaltam que se trata de um processo primoroso, produto da interação do corpo geneticamente programado com o espaço sociocultural em que a criança se desenvolve. Segundo Goulart<sup>16</sup>, o desenvolvimento promove mudanças físicas, neurológicas, cognitivas e comportamentais que acontecem de maneira gradual, consistindo um progresso contínuo que varia dos estágios mais simples aos mais avançados de complexidade<sup>16</sup>.

Sob o mesmo ponto de vista, Souza e Veríssimo<sup>17</sup> ressaltam que nos primeiros anos de vida são moldadas as arquiteturas cerebrais a partir da herança genética e influências do ambiente no qual a criança está inserida. O cérebro humano é um sistema complexo que organiza e estabelece relações com o meio por intermédio das vias neuronais que regulam as áreas motoras, sensoriais, auditivas, olfativas e outras. O mecanismo cerebral estabelece inter-relações funcionais precisas que são de extrema importância para o aprendizado e desenvolvimento<sup>18</sup>.

De acordo com Silva et. al.,<sup>7</sup>, a relação com o ambiente social mais amplo tem efeitos no modo como os pais agem com seus filhos e interfere no tipo de desenvolvimento que promovem. Os primeiros anos de vida da criança são considerados uma etapa especialmente crítica por formarem habilidades perceptivas, motoras, cognitivas, linguísticas e sociais que irão possibilitar uma equilibrada interação com o mundo<sup>19</sup>.

Como caracteriza Castro<sup>20</sup>, a tomada de consciência do próprio pensamento está em dependência direta dos fatores sociais. Segundo a autora, a criança começa a estruturar logicamente o pensamento quando demonstra querer confrontar com o pensamento dos outros, na medida em que se socializa e se adapta a uma realidade social.

Conforme a teoria piagetiana, o pensamento é a inteligência interiorizada, que não mais se apoia sobre a ação direta do objeto, mas em imagens mentais, simbolismo e abstração<sup>21</sup>. Partindo dessa premissa, os autores constatam que a criança pensa a partir do momento que possui imagens e representações mentais dos objetos de sua experiência e em decorrência de sua inteligência inata.

Viotto Filho, Ponce e Almeida<sup>21</sup>, esclarecem os quatro estágios sucessivos de desenvolvimento cognitivo formulado pela teoria piagetiana da seguinte forma: O primeiro estágio é o da inteligência sensório-motora que explica as capacidades naturais de todo ser vivo e a inteligência humana inata do nascimento até aproximadamente os dezoito meses. O segundo é o da representação pré-operatória que dá ênfase ao pensamento abstrato e representação mental de objetos. Este é o momento inicial da função simbólica e ocorre entre os sete e oito anos de idade.

O terceiro é o estágio das operações concretas, tem início por volta de sete e oito anos e se efetiva por volta de onze ou doze. Neste período acontecerá uma verdadeira revolução lógica no desenvolvimento da criança. Ela atingirá o nível da reversibilidade da matéria, deixando de ter somente um pensamento intuitivo e perceptivo e passa a exercer a logicidade. O quarto e último estágio é o das operações formais com início entre os doze ou treze anos a se consumir por volta dos quinze ou dezesseis. Nesta fase, há a consolidação da lógica hipotética dedutiva<sup>21</sup>. Para Piaget, a constituição de uma

noção de sujeito implica a definição de dois conceitos: objeto e interação. É através da interação com o objeto do conhecimento que a criança se constitui<sup>22</sup>.

Mendonça<sup>23</sup> ressalta que a evolução infantil depende fundamentalmente das condições e características individuais da criança (orgânicas e afetivas), e características do ambiente, como aspectos sócio-familiares e espaços para aprendizagem. De acordo com a autora, o desenvolvimento global - cognitivo, linguístico e emocional- será definido pelo encontro de todos esses fatores.

## **2.2 Desenvolvimento atípico- surdez**

O desenvolvimento infantil é um processo que se inicia desde a vida intrauterina e envolve aspectos já mencionados como crescimento físico, maturação neurológica, construção de habilidades cognitivas, sociais e afetivas, bem como a construção de habilidades relacionadas ao comportamento<sup>24</sup>.

Goulart<sup>16</sup> ressalta a importância de identificar precocemente sinais de atraso no desenvolvimento infantil, considerando que quanto mais cedo se obtém o diagnóstico de atraso no desenvolvimento, menores serão os danos causados às crianças. Segundo o autor, a identificação de atrasos no desenvolvimento possibilita o acesso a programas de intervenção precoce que orientam e planejam ações pontuais com as crianças e seus responsáveis.

Conforme Silva<sup>7</sup>, as causas da surdez variam e podem ser hereditárias ou adquiridas no pré-natal ou pós-natal, levando em conta que dentre os fatores ambientais que provocam a deficiência auditiva estão as infecções, drogas e traumatismos cranianos. Em vista disso, a perda auditiva é mensurável podendo ser leve, moderada ou severa, o que faz com que as consequências da surdez no desenvolvimento da linguagem variem em função da gravidade da perda e da idade em que ela ocorre.

Dizeu e Caporali<sup>25</sup> sinalizam que não há como negar os avanços tecnológicos que colaboram com a detecção da surdez e com a intervenção precoce abrangendo a criança e a família. Contudo, é importante lembrar que embora exista uma inteira

tecnologia disponível, nem toda população surda terá acesso a ela, principalmente devido à nossa realidade social, cultural e econômica.

Além disso, mesmo que a acessibilidade a essa tecnologia fosse assegurada, não poderia garantir o desenvolvimento linguístico, cultural e identificador do sujeito surdo. A utilização de recursos tecnológicos não garante a oralização e integração dos sujeitos surdos à sociedade<sup>25</sup>.

Diante dessas considerações, Alves e Frasseto<sup>26</sup>, destacam que nos casos de surdez congênita ou precoce nas quais existam dificuldades de acesso à linguagem falada, a inclusão de uma língua de sinais revela-se imprescindível para que sejam oferecidas condições mais adequadas à expansão das relações interpessoais, constituintes do funcionamento cognitivo e o desenvolvimento afetivo na construção da subjetividade.

Desse modo, o surdo deve ter acesso à língua de sinais desde os primeiros anos de vida para que possa desenvolver sua linguagem e cognição, considerando que a aquisição tardia traz dificuldades para a vida do surdo, que encontra obstáculos na compreensão do pensamento abstrato, textos complexos, desenvolvimento da subjetividade, evocação do passado, entre outros<sup>26</sup>.

Conforme Silva, Melo e Silva<sup>27</sup>, apesar das dificuldades observadas nos indivíduos surdos no que se refere ao seu desenvolvimento, a aquisição da linguagem de crianças surdas acontece de maneira similar às crianças ouvintes, uma vez que, seja oferecido um ambiente adequado de troca de experiências e interação com usuários da mesma língua. A linguagem neste caso, não representa somente um meio de comunicação, mas constitui o pensamento e desenvolve as capacidades cognitivas e psíquicas do ser humano.

Os surdos têm percepção, memória e atenção construídas, sobretudo, de forma visual. O cérebro por ter um funcionamento dinâmico é capaz de organizar-se por meio de processos de significação de caráter visual que atribuem à cognição uma qualidade particular e um processamento simultâneo e espacial. Sendo assim, a linguagem é compreendida como o principal mediador das funções cognitivas e mesmo na

inexistência de uma língua bem organizada os processos de significação atuam sobre o sujeito surdo<sup>26</sup>.

### **2.3 Relação de pais ouvintes e crianças/ filhos surdos**

A palavra surdo tem origem no latim (*surdus*) e no grego (*kophós*). Trata-se de uma denotação dupla: o homem que não escuta e o homem que não é entendido. Observamos uma referência à qualidade de alguém que na sua singularidade se diferencia das demais, porém, comumente introduz-se um equívoco na vida do sujeito surdo, ou seja, de que ele não fala, incorporando à vida do sujeito a ideia da dupla falta: incapacidade física (órgão auditivo defeituoso) e incapacidade emocional, o que imediatamente o torna estúpido e insensível<sup>28</sup>. A criança surda que nasce em um meio ouvinte, desde o seu nascimento se depara com as expectativas construídas por seus pais, de que assim como eles, ela seja também ouvinte. Com isso, o processo de socialização da criança surda com seus pais ouvintes pode ser desde o princípio, muito conflitante, passando do estabelecimento do diagnóstico à elaboração da frustração e aceitação do filho não imaginado<sup>12</sup>.

Kawabata e Tanaka<sup>10</sup> destacam que o obstáculo mais importante que as crianças surdas enfrentam não é a deficiência auditiva, mas o fato de que, na maioria das vezes não é disponibilizado a elas um sistema de comunicação adequado para se desenvolverem de forma apropriada. Contudo, se existe uma comunicação fluente entre a criança surda e seus pais através dos sinais, as chances de obter um desenvolvimento saudável são grandes.

De acordo com Silva e Bastos<sup>29</sup>, as relações afetivas estabelecidas no contexto familiar nos primeiros anos de vida são de extrema importância na promoção do amadurecimento emocional da criança. O papel dos pais é fundamental na interação e socialização da criança surda, é por meio desses contatos iniciais que a criança construirá formas particulares de se perceber e perceber o mundo que a cerca.

Schemberg, Guarinello e Massi<sup>30</sup>, apontam que ao se tratar de familiares ouvintes com filhos surdos, de maneira geral, são os pais que determinam a primeira

forma de comunicação dos filhos, pois serão eles que disponibilizarão tempo, investimento, recursos, tratamentos e outros. À vista disso, a formação subjetiva do filho surdo dependerá de um conjunto de fatores, os quais incluirão a opção pessoal de comunicação dos pais e da família, ambiente social, educação e outros.

As interações familiares manifestas através das atitudes e comportamentos dos pais representam um impacto determinante no desenvolvimento psicossocial de um filho. A família não opera somente no sentido de amparar emocional, física e socialmente os seus membros, mas especialmente, espera-se que ofereça qualidade de vida a todos que a compõem. Os cuidados oferecidos pela família favorecem o desenvolvimento do sujeito surdo, no sentido de promover um futuro de independência e produtividade na sociedade, desenvolvendo, sobretudo, a autoestima e condições para escolher seu modelo de vida<sup>31</sup>.

Ambientes domésticos que possuem baixos níveis interativos de envolvimento socioemocional entre adultos e crianças são potencialmente danosos ao desenvolvimento infantil, especialmente os que incluem presença de controle punitivo e restritivo, e níveis mínimos de organização familiar (ANDRADE et. al, 2005). Silva, Zanolli e Pereira<sup>12</sup>, destacam a importância de trabalhar a autoestima da família, particularmente a da mãe, porque é ela que frequentemente responsabiliza-se pela educação da criança.

As dificuldades que as pessoas surdas vivenciam dizem respeito à incapacidade de ouvir e, portanto, de se comunicar com a sociedade que ouve, pois eles não compartilham o mesmo canal de comunicação<sup>8</sup>. Contudo, uma grande parte das pessoas que convivem com as crianças surdas, especialmente genitores e outros membros da família desconhecem que é a qualidade das relações interpessoais que alicerçam a constituição psíquica do sujeito surdo.

Dessa forma, subentende-se a fala no âmbito único da oralidade e reduz-se o conceito da língua unicamente a essa dimensão, associando a linguagem como pré-requisito para o pensamento. O posicionamento médico/científico mostrou-se “surdo” às questões da constituição psíquica do sujeito surdo, o que implica diretamente no seu processo de humanização e convívio humano tanto no núcleo familiar quanto

fora dele. Nesta mesma perspectiva, questiona em que medida os filhos surdos de pais ouvintes incorporam a cultura de sua família e sentem-se membros da mesma, uma vez que, se definem como estrangeiros no núcleo familiar<sup>28</sup>.

Os surdos vivem em um mundo completamente visual-gestual e seu desenvolvimento cognitivo se constrói de um modo totalmente visual, ao contrário dos ouvintes que utilizam a audição para se comunicarem. Este aspecto instiga reflexões importantes sobre a constituição do sujeito, já que por viverem em uma coletividade onde são minoria, as chances de ocorrer uma comunicação imprópria são amplas e, caso isso ocorra, haverá consequências no desenvolvimento intelectual, social e emocional do sujeito surdo<sup>32</sup>.

O surdo se constitui em espaços sociais chamados de “cultura ouvinte” nos quais se vê como parte diferente dos mesmos, já que esses espaços criaram historicamente estereótipos de incapacidade e deficiência para o surdo, o que de fato, não o acolhe e sim, se opõe a ele<sup>32</sup>. Conforme Minare, Comin e Santos<sup>33</sup> é essencial atentar para a capacidade linguística do surdo, a fim de que este possa, apesar de sua condição, desenvolver plenas habilidades de pensamento, raciocínio e socialização<sup>33</sup>.

As interações e relações com a criança pela família são de extrema importância na promoção de seu desenvolvimento. A influência da família, especialmente dos genitores é preeminente na qualidade das interações futuras da criança, sobretudo, se a criança portar alguma deficiência. Considerando esse pressuposto, pode-se deduzir a magnitude da importância do desenvolvimento da linguagem na criança, um processo que, inevitavelmente, acarreta tanto mudanças estruturais quanto psicológicas<sup>33</sup>.

A família nem sempre está preparada para adaptar-se a novas rotinas ou desenvolver estratégias que favoreçam o desenvolvimento saudável das crianças surdas. Por exemplo, alguns pais de crianças surdas sentem-se constrangidos em participar de atividades sociais junto com seus filhos, por acreditarem que o barulho ou comportamento que possam ter venha a incomodar outras pessoas<sup>13</sup>.

Dessa forma, os genitores sem perceber vão contribuindo para o isolamento social de seus filhos surdos, o que implicará diretamente no desenvolvimento subjetivo

das crianças, bem como em sua estruturação motora, cognitiva, emocional e social. O desenvolvimento da criança vem sendo interpretado, como efeito das interações e relações familiares, criando não só uma dinâmica familiar específica aos seus numerosos pontos críticos, como também desencadeando mudanças familiares que, por sua vez, influenciam o próprio curso do desenvolvimento da criança<sup>13</sup>.

Nesse sentido, Alves e Frassetto<sup>6</sup> afirmam que consequências danosas são ocasionadas ao desenvolvimento do indivíduo em razão da natureza complexa do ser humano, visto que padrões sociais, emocionais, linguísticos e intelectuais estão ligados entre si. Portanto, a dinâmica familiar e a maneira como os genitores criam possibilidades para o desenvolvimento de seus filhos é que irão definir a estruturação dos mesmos, favorecendo ou prejudicando a sua compreensão do mundo, perspectivas e a expansão das relações interpessoais.

Dizeu e Caporalli<sup>25</sup>, afirmam que a linguagem engloba tudo o que envolve significação, sendo desde o seu início essencialmente social.. É na linguagem que o pensamento se constitui e mesmo quando o sujeito não está se comunicando com outras pessoas a linguagem se faz presente, o constituindo como sujeito na sua percepção acerca de si próprio e de tudo que está à sua volta.

Conforme Dalcin<sup>28</sup>, antes de ter contato com a língua de sinais o surdo se depara com poucos recursos simbólicos que comprometem o desenvolvimento de suas habilidades mentais. Segundo as autoras, o surdo fica excluído linguisticamente quando lhe faltam as ferramentas necessárias para fazer associações e manipular conceitos, comprometendo a qualidade e a quantidade das informações organizadoras da linguagem e do pensamento.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo<sup>25</sup>.

No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, esse processo não irá acontecer naturalmente, já que as modalidades linguísticas utilizadas nas interações

mãe-criança não são facilmente adquiridas por essas crianças. O processo de aquisição da língua não será natural, como é para as crianças ouvintes. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade que é dada à criança ouvinte, de adquirir uma língua própria desde o início da vida para constituir sua linguagem<sup>25</sup>.

Para tanto, a família se torna a principal fonte incentivadora para que a criança surda tenha o contato com sua língua natural desde os primeiros anos de vida, muitas vezes os pais não aceitam a língua de sinais, prejudicando o desenvolvimento cognitivo, emocional e pessoal da criança<sup>33</sup>. A autora refere que através da Língua brasileira de sinais o surdo é capaz de compreender o mundo em que vive e dar significados às palavras. Por meio dela também é possível comunicar-se, expor seus sentimentos, desejos e exercer seu papel em uma sociedade. Muitas vezes com a língua portuguesa não conseguem se expressar ou entender os significados das palavras.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Estratégia e busca de artigos**

A busca bibliográfica será realizada nas seguintes bases eletrônicas: Biblioteca Virtual de Saúde (<https://bvsalud.org/>), Scielo (<https://www.scielo.org/>) e Pepsic ([pepsic.bvsalud.org/](https://pepsic.bvsalud.org/)). Além destes, artigos relevantes também serão buscados nas referências dos estudos usados para o embasamento crítico dessa proposta de revisão.

Serão utilizadas teses e dissertações que estiverem de acordo com os critérios de inclusão, exceto publicações científicas produzidas na língua estrangeira. Os descritores serão os seguintes: surdez, audição, surdez- etiologia, deficiência auditiva, percepção auditiva, perda auditiva, criança, relação pais-filhos, relações familiares, comportamento materno, desenvolvimento, destreza motora, sistema nervoso central e cognição.

### **4. RESULTADOS**

Foram selecionados para este estudo de revisão bibliográfica um total de vinte publicações científicas. Elaborou-se uma tabela correlacionando os autores e o ano dos

trabalhos correspondentes, respectivamente pautados em ordem cronológica. De posse do material coletado, segue análise dos resultados desta pesquisa.

**Tabela 1-** Publicações selecionadas - período de 1999 a 2017.

Ano	Autor (es)	Assunto
1999	DESSEN, MA; Brito AMW.	Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral.
2000	ROSSI, TRF.	Brincar: Uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo.
2001	LEBEDEFF, T.	Família e surdez: Algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação.
2002	RODRIGUES, AF; PIRES, A.	Surdez infantil e comportamento parental.
2002	REBELO, A.	Comunicação e lócus social da criança surda.
2003	PFEIFER, PV.	Pensando a integração social dos sujeitos surdos: Uma análise sobre a escolha da modalidade linguística – Língua de sinais ou Língua oral - pela família.
2004	OLIVEIRA, RG et al.	A experiência de famílias no convívio com a criança surda.
2005	ISAAC, ML; MANFREDI, AKS.	Diagnóstico precoce da surdez na infância.
2006	NEGRELI, MED; MARCON, SS.	Família e criança surda.
2007	SILVA, ABP; ; PEREIRA, MCC; ZANOLLI, ML.	Mães ouvintes com filhos surdos: Concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem
2008	DOMINGUES, AF; MOTTI, TFG; PALAMIN, MEG.	O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte.

Continua

Ano	Autor (es)	Assunto
-----	------------	---------

2009	WITKOSKI, AS.	Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada.
2010	BISOL, C; SPERB, TM.	Discursos sobre a surdez: Deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido.
2011	BARCELLOS, CM.	Língua e Linguagem no diálogo mãe ouvinte- filho surdo.
2011	NADER, JMV; PINTO, RCN.	Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo.
2011	KELMAN, CA et al.	Surdez e família: Facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue.
2013	GUARINELLO, AC et al.	Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes- filhos surdos.
2017	SANTOS, MBG.	As competências emocional e motora das crianças surdas ou com deficiência auditiva (SDA).

Desta busca textual, alguns temas foram mais encontrados, dentre eles: famílias e crianças surdas, comunicação entre surdos e ouvintes, a importância do brincar no desenvolvimento da criança surda, diagnóstico precoce, aspectos psicossociais da surdez, surdez e preconceito, língua e linguagem, reflexões sobre a surdez e competência emocional. Destaca-se a temática “relação da família com a surdez”, sendo o assunto mais encontrado em fontes científicas totalizando quatorze estudos publicados no período de 1999 a 2017.

À vista disso, compreende-se que a família constitui o espaço em que ocorrem os primeiros contatos e trocas sociais<sup>35</sup>. Entretanto, Dessen e Brito<sup>9</sup> apontam que a surdez tem sido um obstáculo social que isola a criança de sua família e comunidade. Destacam que as dificuldades e problemas enfrentados pelas famílias do deficiente auditivo, raramente são abordados, impossibilitando a identificação de fatores que influenciam a organização e a dinâmica de funcionamento dessas famílias.

Rossi<sup>36</sup> ressalta que existe uma queixa sistemática das famílias de crianças surdas no que se refere ao desenvolvimento da linguagem. Declara que as famílias comumente relacionam os atrasos na linguagem com comportamentos de impulsividade e agitação

observados nos filhos surdos. Todavia, esclarece que o fato de as crianças surdas não compreenderem com clareza o contexto da situação em que se encontram os atrasos tendem a ser vistos como efeitos de uma inadequação social e não como consequências de comportamentos considerados prejudiciais. Segundo Oliveira, Simionatto, Negrelli e Marcon<sup>36</sup>, a forma como a pessoa surda é tratada no ambiente familiar, determina a imagem que terá de si mesma. Garantem que é na família que muitos valores, crenças e costumes são transmitidos e repassados por gerações através da linguagem.

De acordo com Pfeifer<sup>37</sup>, a família tem que ser capaz de tornar seus filhos hábeis em se relacionar com outros grupos além do grupo familiar. Enfatiza que os pais ouvintes de crianças surdas, levam um longo tempo até aceitarem que seus filhos são diferentes, visto que, a primeira palavra com qual se deparam é “deficiência”, “deficiência auditiva”. Afirma ainda que, prevalentemente os pais ouvintes percebem a surdez como um estigma a ser carregado pela família e que os surdos somente serão de fato aceitos, quando a percepção acerca da surdez for modificada.

Sobressaem-se também questões acerca da “Comunicação e a surdez” através de estudos de casos múltiplos e revisões bibliográficas. Guarinello, Claudio, Festa e Paciornik<sup>38</sup> consideram que a pessoa surda já inicia a comunicação de forma diferente do ouvinte, visto que são os olhos a principal fonte para a captação de informações. Ponderam que para os surdos a visão é o único recurso de aprendizado, transformação e compreensão do mundo e que as dificuldades na comunicação entre surdos e ouvintes surgem das diferenças na recepção linguística.

Kelman, Silva, Amorim, Monteiro e Azevedo<sup>39</sup>, confirmam que neste tipo de comunicação, a atenção, percepção, memória visual e expressões faciais são fundamentais e se complementam com movimentos corporais e labiais. Rebelo<sup>41</sup> completa que o fato de criança não ouvir ou ouvir sons que não discrimina, dificulta a comunicação receptiva e influencia a comunicação expressiva. Destaca-se de forma equivalente, a relevância considerável da Língua de sinais e as ideias de defesa do ensino de Libras.

Negrelli e Marcon<sup>42</sup> pontuam a importância do papel da família no cuidado da criança surda e os subsistemas que a integram de forma independente. Nesse sentido,

Dessen e Brito<sup>9</sup>, apontam que as interações vivenciadas no microuniverso da família são determinantes no desenvolvimento do sujeito e respondem por aspectos essenciais do mesmo. Correa, Minetto e Crepaldi<sup>19</sup>, validam este conceito reconhecendo a família como um ambiente promotor do desenvolvimento humano. Sinalizam que a qualidade do ambiente familiar como contexto de inter-relações da criança conduz a evolução do desenvolvimento infantil. Entretanto, Lebedeff<sup>42</sup> destaca que muitos pais carecem de orientação para construir expectativas realísticas em relação aos filhos e entender as diferenças presentes no desenvolvimento cognitivo e linguístico entre surdos e ouvintes.

Nesse seguimento, Dessen e Brito<sup>9</sup> ressaltam que casais e famílias mudam seus planos de vida em função do nascimento da criança com deficiência, o que nem sempre é necessário. Mencionam que embora na fase de estresse tudo pareça perdido, com o tempo ocorre a acomodação frente à nova situação e com isso é possível retomar antigos planos. Reforçam ainda, que é preciso observar quando a criança está sendo utilizada para justificar as dificuldades da família e que muitas vezes, a ausência de possibilidades dos pais para perseguir objetivos não está relacionada com a deficiência da criança.

Barcellos<sup>43</sup> respalda a ideia citada acima, dizendo que os cuidadores da criança surda necessitam compreender que não existem limitações cognitivas e afetivas determinadas pela surdez e que o desenvolvimento da criança está relacionado com as reações familiares diante disso e às possibilidades sociais oferecidas ao filho surdo. Rossi<sup>36</sup> amplia esse ponto de vista afirmando que o objetivo maior da família deve ser o de oferecer à criança um ambiente que possa suprir suas necessidades básicas: desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e a convicção de ser aceita, cuidada e amada. Rodrigues e Pires<sup>45</sup> indicam que a dificuldade na comunicação é o que mais perturba o desenvolvimento da criança surda, sendo as barreiras comunicacionais, as principais motivadoras de problemas comportamentais, como desobediência e agressividade. Da mesma forma, Domingues, Motti e Palamin<sup>45</sup>, reiteram que a ponderação sobre o comportamento da criança deve se basear no contexto onde ela vive, e se este for considerado inadequado, é necessário buscar seus determinantes no padrão de interação familiar, considerando que prevalentemente os comportamentos esperados são aprendidos. Para Bisol e Sperb<sup>46</sup> não é de se estranhar que muitas crianças e

adolescentes surdos revelem dificuldades comportamentais ou retardos no desenvolvimento por conta da capacidade reduzida de comunicação.

Silva, Pereira e Zanolli<sup>12</sup> afirmam que os pais são fortemente influenciados pelas informações recebidas acerca da perda de audição. Garantem que a forma como os pais compreendem as funções auditivas e a qualidade do aconselhamento profissional que recebem influenciam diretamente sobre a escolha dos recursos comunicativos com seus filhos. Em consonância, Guarinello, Claudio, Festa e Paciornik<sup>38</sup>, asseguram que é imprescindível buscar compreender os processos sociohistóricos em que a família se constituiu e como as representações sociais da surdez refletem na dinâmica familiar e aparecem nas dimensões valorativas e avaliativas da família.

Nessa perspectiva, Pfeifer<sup>37</sup>, enfatiza que os problemas de integração social dos sujeitos surdos tem origem nas suas próprias famílias e aponta interações comunicativas problemáticas como fator impeditivo à integração do surdo ao núcleo familiar. Afirma que problemas na comunicação sempre existirão, porque LIBRAS não é natural para os pais ouvintes assim como a língua oral não é natural para os filhos surdos. À vista disso, salienta que uma criança que cresce entendendo que sua diferença é um fardo difícil para a família, poderá se transformar em um adulto nutrido de raivas e ressentimentos desnecessários. Oliveira et al.,<sup>47</sup> chama a atenção para o constrangimento e resistência das famílias no uso da língua de sinais, optando pelo método oralista e buscando a sua invisibilidade. Aponta para a persistência no treinamento da palavra falada como medida de normalização, ignorando os prejuízos à formação da identidade e ao desenvolvimento cognitivo e psíquico do sujeito surdo.

Entretanto, Nader e Pinto<sup>48</sup>, comentam que ainda que a LIBRAS tenha papel prevacente na vida do surdo, é interessante observar que as crianças surdas também se apropriam de outras formas de linguagens no contato com seus familiares ouvintes antes mesmo de adquirirem a escrita na escola. Oliveira<sup>31</sup> reitera que o surdo deve ser tratado como um diferente e não como um deficiente. Afirma que a palavra deficiência faz alusão a algo que precisa ser consertado, já o diferente, compreende melhor a condição do surdo que possui uma língua, cultura e identidade.

Rebello<sup>40</sup> refere que a interação da criança com o adulto e o meio fortalecida pelo “feedback” do adulto possibilita o desenvolvimento da linguagem. Kellmann<sup>34</sup> reafirma esse conceito ao atribuir aos pais o papel de facilitadores e responsáveis pelas trocas comunicativas através de gestos, olhares, expressões e incorporação da linguagem fluente e satisfatória. Santos (2017) acrescenta que as emoções ocorrem no contexto das relações sociais e interagem com componentes cognitivos, motivacionais e fisiológicos que caracterizam um processo gradual de maturação que se constrói ao longo da vida.

Lebedeff<sup>42</sup> compreende que a intervenção precoce é necessária e auxilia o ajustamento familiar à surdez. Além disso, aponta que deve ser oferecida a toda família para fins de oportunizar melhorias nas interações com efeitos positivos para a criança e demais membros familiares. Isaac e Manfredi<sup>49</sup> consolidam essa ideia e afirmam que um atraso na detecção de uma perda auditiva traz sérios danos ao desenvolvimento da criança, podendo ter um melhor prognóstico se forem feitas intervenções precoces que colaborem com o desenvolvimento da linguagem, habilidades acadêmicas e interações sociais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao estudarmos a temática da surdez infantil e suas implicações familiares, podemos observar inicialmente, a ocorrência de um processo de luto pelo filho idealizado. A gravidez caracteriza-se por inúmeras expectativas e transformações, sonhos e fantasias, contudo, quando o bebê que nasce não corresponde ao filho sonhado pelos pais, surgem ansiedades, rejeições e conflitos que dão início ao luto do filho projetado que os pais idealizaram.

Durante a experiência do luto, a família experimenta sentimentos de revolta e reações iniciais de negação. As manifestações pela perda do filho idealizado se desenvolvem de forma semelhante a um processo de luto normal e provocam sintomas muitas vezes duradouros e excessivamente dolorosos. Nestes casos, dependendo do tempo que a família permanecer enlutada, a qualidade da interação da criança surda com seus pais poderá ser profundamente prejudicada comprometendo seu desenvolvimento global.

Desse modo, considera-se que a qualidade das relações sociais são fundamentais para o desenvolvimento psicossocial e integração do sujeito surdo no ambiente familiar e externo. A amplitude da experiência social possibilita que as barreiras de comunicação presentes na vida da criança surda se enfraqueçam à medida que lhe são oferecidas oportunidades para estabelecer trocas comunicativas com ouvintes e não ouvintes.

Entende-se que o despreparo da maioria das famílias ao lidarem com a surdez, tem como efeito a baixa qualidade na comunicação com seus filhos, limitando severamente as crianças surdas nas interações dentro e fora do ambiente doméstico. A abstração de pensamento, nestes casos fica altamente comprometida e as características universais socialmente atribuídas ao sujeito surdo comprometem o desenvolvimento de competências sociais e intelectuais.

Este estudo apresenta como limitação o uso exclusivo de publicações científicas nacionais. Ao delimitarmos a pesquisa em bases nacionais, nos privamos de conhecer produções veiculadas na literatura internacional que estão sendo, ou já foram realizados com temáticas ou linhas de pesquisa semelhantes que poderiam ter dado profundidade maior no estudo realizado.

Constata-se um número mais expressivo de artigos escritos por profissionais de outras áreas, tais como Enfermagem, Fonoaudiologia, Medicina e Educação. Sugere-se que sejam feitas mais pesquisas na área da Psicologia sobre surdez, família e desenvolvimento infantil.

## REFERÊNCIAS

1-Machado, E V. A formação do sujeito como SER de relações. **Notandum Libro**. V. 12, 2009. CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto. Disponível em <  
[http://www.hottopos.com/notand\\_lib\\_12/edileine.pdf](http://www.hottopos.com/notand_lib_12/edileine.pdf)> Acesso em 10 Nov. 2019.

2-Diogo, M F, Maheirie, K. Uma breve análise da constituição do sujeito pela ótica das teorias de Sartre e Vygotsky. *Alethéia*, nº 25, p.139-151, Jan/Jun 2007.

3-Veludo, CMB; Viana, TC. Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. *Paidéia*. Universidade de Brasília, v. 22, n. 51, p.111-118, 2012. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103863X2012000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2012000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

4-Vendrusculo, LEB. A descoberta da deficiência do filho: o luto e a elaboração dos pais. Trabalho de Conclusão (Curso de Psicologia). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Do Sul, 2004. Disponível em

<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2665/tcc%20larissa%20vendrusculo.pdf?sequence=1>> Acesso em 10 Nov. 2019.

5-Yamanda, MO et al . A relação mãe-bebê com deficiência auditiva no processo de diagnóstico. *Psicologia em revista*. Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 460-478, 2014.

Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167711682014000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682014000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

6-Alves, EGR. A morte do filho idealizado. *O mundo da saúde*, São Paulo- 2012; 36 (1): 90-97.

7-Silva, ACD, Engstrom EM; Miranda, CT de. Fatores associados ao desenvolvimento neuropsicomotor em crianças de 6-18 meses de vida inseridas em creches públicas do Município de João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 31, n. 9, p. 1881-1893, 2015. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2015000901881&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2015000901881&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

8-Monteiro, R; Silva, DNH; Ratner, C. Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. *Psic.: Teor. e Pesq.* Brasília, v. 32, n. spe, p. 1-7, 2016 . Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722016000500210&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000500210&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

9-Dessen, MA; Brito, AMW. Reflexões sobre a deficiência auditiva e o atendimento institucional de crianças no Brasil. Paidéia FFCLRP- USP, Ribeirão Preto/ Fev- Ago 1997.

10-Kawabata, SR; Tanaka, EDO. Comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. Universidade Estadual de Londrina - Paraná, 2009.

11-Oliveira, HPSF. Pais ouvintes de filhos surdos: perspectivas entre dois mundos. Revista virtual de cultura surda. Rio de Janeiro, n. 24, 2018. Disponível em <<https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2024%20de%20FERREIRA%20OLIVEIRA.pdf>> Acesso em 10 Nov. 2019.

12-Silva, ABP, Pereira, MCC; Zanolli, ML. Surdez: relatos de mães frente ao diagnóstico. Estudos de Psicologia. 13 (2), 175-183, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/10>> Acesso em 10 Nov. 2019.

13-Brito AMW; Dessen, MA. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 429-445, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279721999000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

14-Silva, LS; Bastos Thereza. Pais ouvintes e filhos surdos: impasses na comunicação. Entrelaçando, Revista eletrônica de Cultura e Educação. Caderno temático: Educação especial e Inclusão, n. 8, p.25-34, ano IV, Junho/ 2013.

15-Silva, ABP Pereira, MCC; Zanolli, MLourdes. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 23 n. 3, pp. 279-286, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a06v23n3>> Acesso em 10 Nov. 2019.

16-Goulart, JP. Análise do desenvolvimento infantil em um processo de avaliação psicológica: Um estudo de caso. Universidade federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Psicologia. Março, 2016.

17-Souza, JM, Verissimo, MR. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1097-1104, Dec. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010411692015000601097&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692015000601097&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

18-Paula, GR et al. Neuropsicologia da aprendizagem. Rev. psicopedag. São Paulo, v. 23, n. 72, p. 224-231, 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010384862006000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862006000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

19-Correa, W; Minetto, MF; Crepaldi, MA. Família como promotora do desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos. Pensando famílias. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 44-58, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679494X20180001000005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X20180001000005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

20-Castro, ALMB. O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem piaget e vygotsky. Rev. psicopedag. São Paulo , v. 23, n. 70, p. 49-61, 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010384862006000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862006000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

21-Viotto, FIA. Tuim; Ponce, RF; Almeida, Sandro Henrique Vieira de. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. Psicol. educ., São Paulo , n. 29, p. 27-55, dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141469752009000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752009000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

22-anchis, IP; Mahfoud, M. Interação e construção: o sujeito e o conhecimento no construtivismo de Piaget. Ciênc. cogn. Rio de Janeiro, v. 12, p. 165-177, nov. 2007. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180658212007000300016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180658212007000300016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

23-Mendonça, CL. Diagnóstico precoce na deficiência auditiva. Recife, 1999. Disponível em <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wpcontent/uploads/2009/06/diagnostico-prococe-e-m-surdos.pdf>> Acesso em 10 Nov. 2019.

24-Sigilo, ARL; Aiello, ALR. Há identificação precoce de sinais de atraso no desenvolvimento infantil nos programas de saúde da família?. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 169-182, feb. 2011. ISSN 1982-5587. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3481/3252>>. Acesso em 10 nov. 2019.

25-Dizeu, LCTB; Caporali, SA. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc. Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302005000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302005000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

26-Alves, EG; FrassettoRA, SS. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. Aletheia. Canoas, n. 46, p. 211-221, abr. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141303942015000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942015000100017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

27-Silva, LO SILVA, WC Melo, LG Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais – libras. Humanidades. v. 4, n. 1, 2015. Disponível em <[http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos\\_up/artigos/a38.pdf](http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a38.pdf)> Acesso em 10 Nov. 2019.

28-Dalcin, G Psicologia da educação de surdos. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/psicologiaDa>

EducaoDeSurdos/assets/558/TEXTOBASE\_Psicologia\_2011.pdf> Acesso em 10 Nov. 2019.

29-Silva, NCB et al . Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. Temas psicol. Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2019.

30-Schemberg, S. Guarniello, AC; Massi, G. O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas. Rev. bras. educ. espec. V. 18, n. 1, p. 17-32, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141365382012000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382012000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

31-Oliveira, MCCV. O impacto da deficiência auditiva sobre a família. Universidade de Brasília- UnB/ Instituto de Psicologia – IP/ Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento – PED/ Programa de Pós- graduação em Processos e Desenvolvimento humano e Saúde- PGPDS/ Brasília, 2011.

32-Cromock, EMPC. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 24, n. 4, p. 68-77, Dez. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932004000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000400009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

33-Minare, NF; Comin FS, Santos, MA. Desenvolvimento da linguagem em crianças surdas: uma revisão integrativa. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social. V. 1, n. 1, 2003. Disponível em <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/4979/497950346008/html/index.html>> Acesso em 10 Nov. 2019.

34-Kelman, CA et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. Linhas críticas. Brasília V.17, n. 33, p. 341-365, 2011.

Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3737>>

Acesso em 10 Nov. 2019.

35-Rossi, TRF. Brincar: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/ filho surdo. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Disponível em <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4015126.pdf>>. Acesso em 10 Nov. 2019.

36- Santos, MBGrilo. As competências emocional e motora das crianças surdas ou com deficiência auditiva (sda). Dissertação (Mestrado em Psicomotricidade Relacional).

Universidade de Évora, 2017. Disponível em

<<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/22820/1/Mestrado%20-%20Psicomotricidade%20Relacional%20-%20Mariana%20Braz%20Grilo%20Santos%20-%20-%20As%20compet%C3%Aancias%20emocional%20e%20motora%20das%20crian%C3%A7as%20surdas%20ou%20com%20defici%C3%Aancia%20auditiva%20SDA%29.pdf>>.

Acesso em 10 Nov. 2019.

37-Pfeifer, PV. Pensando a integração social dos sujeitos surdos: uma análise sobre a escolha da modalidade linguística- língua de sinais ou língua oral- pela família.

Trabalho de Conclusão (Curso de Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria, 2003. Disponível em <

[https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/07/Tesis\\_Pfeifer\\_20031.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/07/Tesis_Pfeifer_20031.pdf)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

38-Guarinello, A C et al. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes e filhos surdos. Tuiuti: Ciência e Cultura. Curitiba, n.46, p.151-168, 2013.

Disponível em <<https://seer.utp.br/index.php/h/article/view/1072>> Acesso em 10 Nov. 2019.

39-Silva, LP. Manual de orientação de práticas interventivas no contexto educacional para professores do ensino fundamental. Programa de desenvolvimento educacional- PDE. Mandirituba, 2008.

40-Rebelo, A. Comunicação e locus social da criança surda. Análise Psicológica.

Lisboa, v. 20, n. 3, p. 379-388, 2002. Disponível em

<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087082312002000300012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087082312002000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

41-Negrelli, ED; MARCON, Sonia Silva. Família e criança surda. Revista Ciência, Cuidado e Saúde. Maringá, v.5, n.1, p. 98-107, 2006. Disponível em <[periodicos.uem.br › ojs › index.php › CiencCuidSaude › article › download](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/download)> Acesso em 10 Nov. 2019.

42-Lebedff, T. Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. Revista Educação especial. Santa Maria, n. 17, 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5197/3188>> Acesso em 10 Nov. 2019.

43-Barcellos, CM. Língua e linguagem no diálogo mãe ouvinte- filho surdo. Dissertação (Mestrado em Linguagem Oral e Escrita) Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

44-Rodrigues, AF; Pires, A Surdez infantil e comportamento parental. Análise Psicológica. Lisboa, v. 20, n. 3, p. 389-400, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087082312002000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087082312002000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

45-Domingues, AF; Motti, TG; Palamin; MEG. O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte. Estudos de Psicologia. Campinas, v. 25, n. 1, p. 37-44, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n1/a04v25n1.pdf>> Acesso em 10 Nov. 2019.

46-Silva, ABP. Aspectos psicossociais da surdez: a representação social de mães ouvintes. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/310893>> Acesso em 10 Nov. 2019.

47-Oliveira, RG et al. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. Maringá, v. 26, n.1, p.183-191, 2004. Disponível em

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/1658/1072>>

Acesso em 10 Nov. 2019.

48-Nader, JMV; Pinto, RCN. Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. Universidade Estadual de Campinas (IEL- UNICAMP). **Estudos linguísticos**. São Paulo, V. 40, n. 2, p. 929-943, 2011. Disponível em

<<https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/view/1351/893>>. Acesso em 10 Nov. 2019.

49-Isaac, ML.; Manfredi, AKS. Diagnóstico precoce da surdez na infância. *Medicina*, Ribeirão Preto. V. 38 (3/4), p. 235-244, 2005. Disponível em

<<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/449/449>>. Acesso em 10 Nov. 2019.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 565-575, 2009.

Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782009000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782009000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Nov. 2019.

YAMADA, MOfak; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. A vivência dos pais no diagnóstico da deficiência auditiva no filho. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. V. 80, n. 01/11 p. 136-147, 2011. Disponível em

<<https://www.redalyc.org/pdf/946/94622747013.pdf>> Acesso em 10 Nov. 2019.